

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Temas Transversais dos PCNs: uma análise de gênero e sexualidade

Maria de Fátima da Cunha *

Resumo:

Este artigo tem por objetivo discutir como os Temas Transversais dos PCNs abordam a temática de gênero e sexualidade e como tratar esses assuntos com crianças do ensino fundamental, especialmente aquelas que estudam na 7a. e 8a. séries.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; PCNs

Abstract:

This article as deal to discuss how the Transverse Themes of PCNs approach the gender theme and sexuality and how to treat those subjects with children of the fundamental teaching, especially the ones that study 7th. and 8th. series.

Keywords: Gender; Sexuality; PCNs

1- Gênero e História

Como poderíamos trabalhar relações de gênero com os nossos alunos sem que este tema se torne simplesmente uma curiosidade, um assunto divertido que serve somente para passar o tempo em sala de aula? Como as questões de gênero se relacionam e se inserem em temáticas históricas mais amplas? Como gênero, sexualidade e educação e, em especial, a relação desses temas com o ensino de história, foram tratados nas últimas décadas?

Podemos demarcar a década de 1980 no Brasil, como o momento em que aconteceu uma inovação nos estudos sobre o feminino, passando-se a utilizar os Estudos de Gênero para se trabalhar com questões ligadas ao feminino. Trabalhar com gênero como categoria de análise significou abordar o relacional entre homem e mulher, ou seja, as duas categorias elaboram as suas identidades como complemento ou oposição ao outro. E, mais do que isso, trabalhar a partir do conceito de gênero significava apontar que esses papéis eram “construções históricas” (SCOTT, 1990). Isto é, esses papéis mudam de sociedade para sociedade e também ao longo do tempo. Ser homem ou mulher hoje é diferente do que era há cem anos atrás, ou há mil anos, como também será diferente no futuro. E, mesmo hoje em dia, pode haver diferenças de um país para outro, ou dentro da mesma sociedade.

Explicando melhor, se existe uma identificação da mulher a alguns papéis como dona-de-casa, esposa e mãe, do mesmo modo existem os papéis masculinos que ligam os homens a algumas imagens como: o de provedor da casa, de possuidor da força física, daquele

* Universidade Estadual de Londrina-PR, doutora.

que não pode chorar. Tanto para homens, quanto para mulheres romper com esses estereótipos é muito difícil, pois estão disseminados na sociedade através de décadas.

Outro ponto que os estudos de gênero procuram “desconstruir” refere-se a abordagens que tentam “naturalizar” as relações entre homens e mulheres, ou seja, tornar natural determinadas diferenças “porque sempre foi assim”: é da natureza dos homens serem agressivos, ou é natural que as mulheres sejam calmas.

Feitas essas explicações necessárias, passamos ao segundo ponto, que é tentar entender por que é importante trabalhar com essas questões em sala de aula. Primeiro, a sala de aula e a escola são os espaços privilegiados de transmissão dessas idéias que delimitam os papéis de homens e mulheres. A começar pelos nossos livros e cartilhas. São neles que muitas vezes aprendemos, nas primeiras séries, que meninos brincam com carrinhos e meninas com bonecas.

Nas figuras e imagens as meninas são, geralmente, representadas como mais frágeis que os meninos. E nos livros didáticos de história, durante muito tempo, foi possível contar nos dedos das mãos o número de vezes em que as mulheres apareciam, e quando isso ocorria, era sempre como um acontecimento à parte, uma curiosidade, e hoje em dia não é muito diferente. Como salienta a pesquisadora Guacira Lopes Louro, “a sala de aula e a escola são os espaços de construção das diferenças”. (LOURO, 1999).

2- Gênero e Sexualidade nos Temas dos Transversais dos PCNs:

Tomaz Tadeu da Silva considera que, as narrativas dos currículos podem, explícita ou implicitamente, corporificar noções particulares sobre como se apresentam os sujeitos na sociedade; eles contam histórias que fixam noções particulares sobre, raça, classe, gênero. Para esse autor:

É num tempo como esse que nós, educadores e educadoras (...) nos vemos moralmente obrigados, mais do que nunca, a fazer perguntas cruciais, vitais, sobre o nosso ofício e nosso papel, sobre o nosso trabalho e nossa responsabilidade.
(SILVA, 2001: 8)

Assim, pensando os currículos não só como idéias e abstrações que passam de mente em mente, mas também como experiências ou práticas, podemos pensar os mesmos como um campo de possibilidades, de contestação, de construção divergente. Dessa forma, segundo Tomaz Tadeu da Silva, o currículo é aquilo que nós (estudantes, professores) fazemos, mas também é aquilo que “as coisas fazem a nós”. Os currículos teriam efeitos, nos produziram também, demonstrando, dessa forma, os vínculos com as relações de poder

existentes na sociedade. A partir dessas considerações, pensamos ser possível analisar quais idéias a respeito de gênero os PCNs procuram veicular.

Todavia, seria interessante enfatizar, primeiramente, que já há algum tempo a questão da sexualidade e de gênero na educação, no sistema escolar e mais especificamente na escola, desperta a atenção dos pesquisadores. Segundo Moema Toscano, os primeiros estudos voltados para essas discussões datam do final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Para a autora, o alvo principal dessa reflexão era a denúncia quanto a práticas abertamente sexistas nas escolas, com a tolerância, quando não com a cumplicidade de pais e professores. Ainda para Toscano:

(...) Estes, em geral, não se apercebiam do peso de seu papel na reprodução dos padrões tradicionais, conservadores, que persistiam na educação, apesar de seu aparente compromisso com a democracia e a modernidade(...). (TOSCANO,2000: 21)

Percebe-se então que a temática dessas questões tratadas pelos PCNs vêm na esteira de estratégias e de discussões de décadas anteriores. No volume 10 dos Temas Transversais dos PCNs, intitulado “Pluralidade Cultural e Orientação Sexual”, argumenta-se sobre a urgência da inclusão do tema da sexualidade nos currículos, em decorrência, principalmente, do aumento da gravidez indesejada de adolescentes, bem como do risco sempre presente da contaminação pelo vírus da AIDS. Fica claro nesse volume dos Temas Transversais que:

A retomada contemporânea dessa questão deu-se juntamente com os movimentos sociais que se propunham, com a abertura política, a repensar sobre o papel da escola e dos conteúdos por ela trabalhados. Mesmo assim não foram muitas iniciativas tanto na rede pública como na rede privada de ensino. (PCNs, 2000: 111)

Segundo os PCNs, em especial após a década de 1980, esses problemas se agravaram acentuadamente. A princípio, haveria um certo receio quanto à aceitação da inserção desses temas na escola, mas uma pesquisa realizada, em 1993, pelo Instituto Data-Folha em dez capitais constatou que 86% das pessoas ouvidas eram favoráveis à inclusão da orientação sexual nos currículos escolares.

Apesar de reconhecer que seria na família que a criança recebe a maior parte da educação sobre a sexualidade, a escola também teria papel importante nesta orientação. Até porque, segundo os PCNs, o espaço escolar seria invadido por informações provenientes principalmente da mídia, em especial da TV, e haveria ainda a clara presença da sexualidade dos adultos na escola.

Ao longo das páginas discute-se muito a necessidade da orientação sexual e da prevenção de doenças transmissíveis, em especial da AIDS, pensando-se no bem-estar das crianças e dos jovens e da “vivência de sua sexualidade atual e futura”. Enfatiza-se que a sexualidade tem importância “psíquica”, pois se relaciona com a busca do prazer, que seria fundamental para os seres humanos e que cada sociedade cria um conjunto de regras que ditam o comportamento sexual dos indivíduos.

Entretanto, apesar da explícita preocupação com o que se denomina de dimensão do prazer, esta parece ficar deslocada frente ao intenso “medo” em relação à AIDS. Em algumas páginas as palavras AIDS/HIV aparecem citadas até quatro vezes¹. Fica evidente a preocupação em se alertar para o perigo da doença, mas como pensar então a “dimensão do prazer” que pode matar?

À primeira vista, uma das propostas consiste em discutir tabus, preconceitos e atitudes existentes na sociedade de forma, senão totalmente isenta, mas de modo distanciado. Este distanciamento é exigido principalmente por parte dos professores, levando os alunos a tirarem as próprias conclusões. Um dos exemplos dados sobre temas tabus é a virgindade.

Todavia, há que se ressaltar que, segundo os Temas Transversais tal posicionamento por parte do educador, diante dessas questões demandaria um conhecimento teórico, ou pelo menos leituras sobre a temática da sexualidade que levasse a uma reflexão sobre *valores e preconceitos dos próprios educadores*:

O professor deve então entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto dos alunos e ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa prática, o qual deve ocorrer de forma continuada e sistemática (...)

Apesar de falar recorrentemente da AIDS, tabus e preconceitos e na necessidade de combate aos mesmos, chama a atenção o fato de somente em um momento se falar em homossexualidade, exatamente quando se fala de vários outros “temas tabus”:

*(...) a partir da puberdade, os alunos também já trazem questões mais polêmicas em sexualidade, já apresentam necessidade e melhores condições de refletir sobre temáticas como **aborto**, virgindade, **homossexualidade**, **pornografia**, **prostituição** e outras. (...) É importante que a escola possa oferecer um espaço específico dentro da rotina escolar para essa finalidade(...)* (Grifos Meus).

Realmente, devemos concordar que os currículos revelam muitos aspectos contraditórios sobre a sociedade em que se vive, pois inserir o homossexualismo ao lado de

¹ Conferir páginas 147, 148 e 151, do volume 10 dos Temas Transversais. Por exemplo: “AIDS mata” e “A mensagem a ser trabalhada é “AIDS” previna-se”.

práticas pertencentes ao campo do que se considera ilegal e imoral indica, no mínimo, o “desconforto” dessa sociedade ao tratar o tema. Será que a escola é capaz de se constituir no “espaço específico” para se discutir o que está mais do que explícito nessas constatações?

Com relação às questões de gênero, indica-se que estas deverão ser trabalhadas nas disciplinas de Educação Física e de História. Os papéis femininos e masculinos deveriam ser mostrados como construções sociais:

A discussão sobre as relações de gênero tem como objetivo combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação.

Igualmente, enfatiza-se a urgência de se apontar as flexibilizações dos padrões, visando permitir a expressão de potencialidades em cada ser humano que são dificultadas pelos estereótipos de gênero. Lembra-se como exemplo comum a repressão das expressões de sensibilidade, intuição e meiguice nos meninos ou de objetividade e agressividade nas meninas.

Assim, as diferenças devem ser vistas de modo a desconstruir os padrões estabelecidos, ou seja, podem e devem ser vividas a partir da singularidade de cada um, apontando para a equidade entre os sexos.

Entende-se a relevância de se trabalhar as diferenças sexistas no espaço escolar, se levarmos em conta, como observa Guacira Lopes Louro, que a escola é um dos lugares onde se delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, a escola afirma o que cada um pode, ou não pode fazer, ela separa e institui. Para a autora:

(...) Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as a sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos (...). (LOURO, 1997: 58).

Com relação ainda aos PCNs, pode-se dizer que o seu texto deixa absolutamente claro um discurso que pode ser considerado “politicamente correto”. Entretanto, existe um outro texto nos PCNs que parece muitas vezes contradizer ou, por outro lado, apontar não intencionalmente um “outro discurso”. Refiro-me particularmente às imagens que aparentemente “ilustram” a primeira e a segunda parte, dedicadas ao tópico “orientação sexual” do volume 10 dos Temas Transversais.

3- As Imagens sobre Gênero e Sexualidade nos Temas Transversais: um outro discurso:

As imagens mostradas no volume 10 dos Temas Transversais são compostas por fotografias de crianças e jovens, especialmente no ambiente de sala de aulas e em outros espaços do universo escolar.

Entretanto, aquelas que nos chamaram a atenção são algumas imagens que aparecem sem maiores indicações de data, arquivos ou informações do que se pretende com as mesmas além do intuito de “ilustrar” o volume. Duas delas, aparentemente das três primeiras décadas do século XX (não há indicação de data), mostram turmas escolares feminina e masculina com suas respectivas professoras; uma outra que mostra um casal de bailarinos; um desenho de um menino em idade escolar, retratando a sua família e, por último, e o que mais nos chamou a atenção, as reproduções de uma pintura de Gustav Klimt e de uma escultura de Auguste Rodin, ambas intituladas “O Beijo”.

Como essas imagens aparecem simplesmente com uma intenção meramente ilustrativa, sem nenhuma análise, elas provocam em um leitor mais atento, ou mais curioso, uma série de interrogações. A primeira delas, por que elas foram escolhidas e uma outra, o que elas podem nos dizer.

As duas fotografias de turmas escolares que aparecem tendo como referências “Zé do Nino/Arquivo Pessoal”, mostram uma primeira turma só de meninas, com a professora ao lado. A outra apresenta uma turma composta só de meninos, tendo ao centro também uma professora ao lado de um Globo. O que se pretende sugerir com essas fotografias? O que me ocorre é a “intenção oculta” de se apontar para o fato de que houve um tempo (não se indica quando) em que meninas e meninos não estudavam na mesma sala e que isso era uma regra. E, mais do que isso traz a idéia de que “evoluímos” muito, pois já misturamos meninos e meninas, como se essa experiência bastasse para trabalharmos as flexibilizações de gênero.

A imagem do casal de bailarinos, creditada a “Fernando Pimentel/Abril Imagens”, traz em primeiro plano, lado a lado, uma cena clássica de balé na qual o homem, trajando uma tradicional malha que delinea genitália e coxas musculosas, beija a mão da mulher. A cena parece insinuar que o homem também pode dançar, desde que esteja bem claro que ele está realmente no “papel de homem”. Ou seja, parece contradizer o texto escrito que pede para que se mostre o papel sexual de homens e mulheres como construções sociais e históricas.

A terceira imagem é um desenho de um menino identificado simplesmente como “Thiago”. Fica claro que a criança deve se encontrar nas primeiras séries escolares, em processo de alfabetização, como indicam os traços infantis dos desenhos e os erros

ortográficos da escrita. O desenho mostra uma cena familiar com as crianças brincando na sala, a mãe chegando do trabalho e o pai, na cozinha, preparando a refeição da família. Inicialmente, a cena chama a atenção exatamente por mostrar uma cena que não é a regra e sim a exceção, presente na troca das funções tradicionais que se destinam a “papais” e “mamães”.

Mais uma vez, o texto imagético parece apontar para uma idéia de “evolução” dos costumes: vejam como as coisas mudaram!

O homem pode ir para a cozinha e a mulher pode trabalhar fora! Apontando a exceção, justamente por isso, parece ficar muito mais evidente as dificuldades e o inusitado da situação. Ao se indicar aquilo que é diferente, parece revelar que o assunto, a diferenciação de papéis sexuais, ainda se apresenta como um “desconforto” e que, portanto, não é um tema totalmente resolvido.

E, por último, as imagens da escultura de Rodin e da pintura de Klimt geram igualmente, uma série de interrogações. A escultura é a imagem que abre a parte sobre orientação sexual deste volume e apresenta um casal heterossexual se beijando na boca, apaixonadamente. A mulher enlaça a cabeça do homem e parece se entregar, languidamente, ao prazer do beijo.

O outro beijo de Gustav Klimt mostra também um casal, homem e mulher, cobertos ao que parece por uma colcha de retalhos. A imagem em preto em branco não mostra a beleza original da pintura, como pode ser visto logo abaixo, com o colorido da colcha que se destaca, deixando somente os rostos do casal, as mãos e os pés da mulher à mostra. Da mesma forma, essa imagem parece mostrar a entrega, principalmente feminina, à paixão. Nas duas imagens a cabeça do homem se encontra por cima da cabeça da mulher, o que pode sugerir (talvez forçosamente) uma submissão afetiva feminina. De qualquer forma o que se apresenta como relação para homem/mulher é a idéia do amor romântico, justamente quando se quer falar do perigo da AIDS e outras doenças: que romance pode resistir à possível presença do prazer que pode matar?

Pode-se argumentar que essas análises são um tanto quanto extremadas ou, no mínimo equivocadas. Entretanto, como não são exploradas no texto dos PCNs elas podem sugerir essas e outras diferenciadas análise.

Entretanto, concordamos com Rodrigo Tramutuolo Navarro quando afirma que uma leitura da realidade escolar indica que a instituição escolar se encontra num momento de crise. Interpretando a escola a partir da ótica de Foucault, enquanto uma instituição de disciplina e de controle, Navarro considera que, atualmente, esta não parece dar conta da

realidade existente. A instituição disciplinar escola, constituída a partir de métodos e práticas normalizadoras, normatizadoras e homogêneas, parece insuficiente para atender às demandas da dinâmica social que temos hoje. Percebe-se, de forma muito explícita, a queixa por parte de professores/as acerca da indisciplina de alunos/as, assim como também, questionam os métodos de ensino, de avaliação, além de questões que dizem respeito ao universo das políticas educacionais, como o binômio inclusão/exclusão. Todos esses argumentos, muitas vezes de forma silenciosa, convivem com questões de gênero, sexualidade, raça e etnia, que perpassam toda a dinâmica escolar. Nesse contexto de complexidade, e na maior parte das vezes por falta de formação, muitos/as professores e professoras optam por desenvolver aulas com objetivos exclusivamente disciplinadores, nas quais os conteúdos apresentam-se ausentes de reflexão. (NAVARRO, 2006). E neste ambiente em que estão inseridas as aulas de Educação Física, de História e outras nas quais identidades são constantemente formadas e, por sua vez, deformadas, na medida em que somos constantemente solicitados e avaliados por nossos gestos, comportamentos e linguagens. Nesse universo é evocado um modelo de corpo, que por sua vez é histórica e socialmente ressignificado. Entretanto, dentro das microrelações sociais, existem outras questões influenciadoras. Pois, como afirma Guacira Lopes Louro, homens e mulheres se fazem também ... através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder”. Transgredindo de certa forma as características socialmente demarcadas. (NAVARRO, 2006)

Dessa forma, faz-se necessário questionar o significado de ser homem e/ou mulher. Quais os saberes e poderes que estão presentes como verdades nestes discursos? Quem ou o que os legitima? E mais especificamente, de que maneira o gênero, e também a sexualidade, perpassam o espaço escolar, penetram nas aulas, nas brincadeiras do pátio escolar, nas relações entre os envolvidos com o cotidiano da sala de aula e do espaço escolar como um todo e disseminam discursos de verdade sobre os corpos dos sujeitos.

Assim, como afirma Guacira Lopes Louro, currículos escolares muitas vezes deixam passar a oportunidade de serem instrumentos não regulatórios e normatizadores e acabam por contribuir para a reprodução de uma ordem social estratificada. A forma através da qual ele é organizado, os princípios pelos quais é elaborado e avaliado, além do próprio conhecimento, são fatores importantes para entender como o poder é reproduzido. Para Tomaz Tadeu Silva, o currículo não pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimentos. O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos,

naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. Dessa forma podemos dizer que o currículo produz e nos produz. A escola, portanto, na maior parte das vezes, fabrica sujeitos para satisfazer as necessidades de divisão do trabalho na sociedade, participando também do processo de modelagem de corpos, gostos, preferências, gestos e linguagens, isto é, na produção de subjetividades. (NAVARRO, 2006).

À guisa de conclusão, pode-se dizer, primeiramente, que os PCNs parecem deixar a cargo do professor as oportunidades para discutir as questões de sexualidade e de gênero. E, por fim, quando essas discussões vêm à tona elas surgem muito mais como exceção. Ou seja, apesar do discurso politicamente correto, a ausência, o não dito, parece querer dizer muito mais do que se pretende. Dessa forma, as inclusões surgem como concessões, que carregam todos os estereótipos que se quer negar.

Bibliografia:

- LOURO, Guacira L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. BH: Autêntica, 1999.
- NAVARRO, Rodrigo Tramutolo. “Gênero e Sexualidade nas Práticas Escolares”. Cadernos de Resumo do Fazendo Gênero 7, Florianópolis: 2006.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**. Temas Transversais. Pluralidade cultural: orientação sexual/Secretaria da Educação. Ensino Fundamental. 2. Ed. RJ, DP&A: 2000.
- SCOTT, Joan W. “Gênero: uma categoria útil de análise” In: **Educação e Realidade**. v. 6 no. 2: Porto Alegre, 1990.
- _____. - “Prefácio a Gender and Politics of History ” In: **Cadernos Pagu** (3). Campinas: IFCH/UNICAMP, 1994, (Trad. de Mariza Corrêa).
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **O Currículo como Fetiche: a poética e a política do texto curricular**. BH: Autêntica, 2001.
- TOSCANO, Moema. **Estereótipos Sexuais na Educação um manual para o educador**. Petrópolis, Vozes: 2000.